

Algo infiel corpo performance tradução Guilherme Gontijo Flores e Rodrigo Tadeu Gonçalves

©Guilherme Gontijo Flores e Rodrigo Tadeu Gonçalves, 2017

©Fotografias Rafael Dabul

Revisão Fernando Scheibe

Projeto gráfico Guilherme Gontijo Flores, Rafael Dabul e Rodrigo Tadeu Gonçalves e Marina Moros

Fotografias: Rafael Dabul

Modelos: Leonarda Glück e Ranieri Gonzalez

Flores, Guilherme Gontijo, 1984-; Gonçalves, Rodrigo Tadeu, 1981-

Algo infiel corpo performance tradução / Guilherme Gontijo Flores e Rodrigo Tadeu Gonçalves/ fotografias Rafael Dabul - Desterro [Florianópolis]: Cultura e Barbárie, São Paulo: n-1 edições, 2017.

362p. :.Il

ISBN: 978-85-63003-68-3

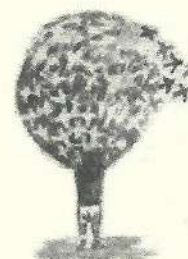
1. Estudos da tradução. Ensaaios. I. Título. II. Autor.

Cultura e Barbárie Editora

EDITORES Fernando Scheibe e Marina Moros

CONSELHO EDITORIAL Alexandre Nodari, Fernando Scheibe, Flávia Cera, Leonardo D'Ávila, Marina Moros e Rodrigo Lopes de Barros

www.culturaebarbarie.com.br | contato@culturaebarbarie.com.br | Florianópolis/SC



Nexus é um selo da n-1 edições

EDITORES Peter Pál Pelbart e Ricardo Muniz Fernandes

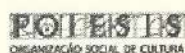
ASSISTENTE EDITORIAL Isabela Sanches

n-1edicoes.org | oi@n-1edicoes.org | São Paulo/SP



A reprodução parcial deste livro, sem fins lucrativos, para uso privado ou coletivo, em qualquer meio impresso ou eletrônico, está autorizada, desde que citada a fonte. Se for necessária a reprodução na íntegra, solicita-se entrar em contato com os editores.

APOIO



CASA GUILHERME DE ALMEIDA



GOVERNO DO ESTADO
SÃO PAULO
Secretaria da Cultura

Vox nescit missa reuerti. Dar algo sem levar. A tradução em sua etimologia — levar além, atravessar, conduzir ao outro lado — bem poderia ser um bem caduco: tradução não como um caminhão de mudanças (*metaphora* em grego), avaliada pelo estado da mobília que chega a seu destino; não como um barco de Caronte atravessando o rio dos mortos, o rio do esquecimento, levando sombras sem memória. Por que levar objetos desmemoriados, almas sem corpos? A quem levar? Sempre é possível arriscar o pensamento na tradução, talvez numa troca de corpos. Mas tradução não como metempsicose, de corpos que se trocam por uma alma pura imutável eternamente idêntica a si mesma. Como seria uma metempsicose de almas mutáveis? A ressurreição poderia ser um todo novo, de corpo e alma. O barco valeria por si mesmo, enquanto mudança. A tradução pensável como um dom dos corpos.

No dom da poesia há algo que se troca sempre, algo que em sua materialidade recusa o partido das coisas, a mercancia fácil das coisas; a troca da poesia, troca impossível em algum nível, tem base no comércio (Hermes, Mercúrio — deus do mercado, dos ladrões, da linguagem, da hermenêutica, do truque) e ainda assim o rompe, a troca da poesia poderia ser uma troca de promessas: o poeta, o aedo, o bardo, o xamã, o exu, o *performer* entrega a obra e na obra uma promessa de mundo; nessa promessa o jogo se encena de ainda lançar mundos no mundo, abrir brechas no mundo dado; ao leitor, ouvinte, corpo que joga, caberia a contrapromessa interminável: interpretar, nos dois sentidos de uma interpretação, fazer o jogo da hermenêutica, fundar sentido nas promessas de

mundo, sim, analisar, descrever, pensar a obra-mundo e seu efeito-mundo, mas mais, incorporar a obra no seu próprio mundo, dar um corpo à obra, dar-se corpo à obra, dar seu corpo à obra, enfim, assumir o lugar do poeta, bardo, xamá, como intérprete (ou *interpres*, *inter-pretium* — mediação, comércio, mensagem) da música. Esse é o potencial mais profundo das promessas de mundo em jogo na poesia: uma performance exige outra performance, porque o dom é um performativo. “Eu te dou isto”, diz o poeta; e ao ouvinte não cabe resposta fácil, como “Não quero”; o poeta retorna “Eu já te dei”, algo aconteceu, performou-se no momento de uma entrega. “Está dado”. O que fazer com o que se deu? Talvez guardar, como no poema homônimo de Antonio Cícero:

Guardar

Guardar uma coisa não é escondê-la ou trancá-la.

Em cofre não se guarda coisa alguma.

Em cofre perde-se a coisa à vista.

Guardar uma coisa é olhá-la, fitá-la, mirá-la por admirá-la, isto é, iluminá-la ou ser por ela iluminado.

Guardar uma coisa é vigiá-la, isto é, fazer vigília por ela, isto é, velar por ela, isto é, estar acordado por ela, isto é, estar por ela ou ser por ela.

Por isso melhor se guarda o voo de um pássaro

Do que um pássaro sem voos.

Por isso se escreve, por isso se diz, por isso se publica,
por isso se declara e declama um poema:

Para guardá-lo:

Para que ele, por sua vez, guarde o que guarda:

Guarde o que quer que guarda um poema:

Por isso o lance do poema:

Por guardar-se o que se quer guardar.

Guardar o que guarda o poema, enfim, é o dom do dom. A tradução é talvez o caso mais claro da duplicação dos dons, quando guardar o poema alheio é também doá-lo como próprio, ampliando e aprofundando trocas, pervertendo promessas, mundos num mundo, um mundo que se devolve ao poema original, um mundo que se promete em tradução. Guardar é coisa de olho, coisa de corpo; quem guarda o som? E como ele ressurgem som, numa outra voz? Sem metafísica melancólica, o poema dá a voz ao poeta, que ali fala seu poema-promessa de mundo, mas insiste em dar à voz um poeta, agora mudo, que se desdobra em vozes que o interpretam. A quem se dá a voz? Uma voz prometida não sabe achar retorno. E ainda algo se verte.